



No plenário da Câmara, o entusiasmo dos Deputados Gibson e Curió e, no Senado, a moderação de Aloysio Chaves

No Senado, quase um equilíbrio de forças

218
No Senado, as sessões não chegam a ser tão ardentes quanto as da Câmara. Neste mês de março, foram feitos 84 discursos e aqueles que se destinaram exclusivamente a criticar as ações governamentais, nos setores políticos, econômico e social, atingiram o percentual de 44 por cento. Em contrapartida, as iniciativas de defesa das lideranças governistas chegaram aos 23 por cento.

Nesta Casa Legislativa, são muitos os discursos considerados neutros (33 por cento), nos quais os senadores tratam de assuntos essencialmente regionais, registram mortes de amigos e personalidades, ou inaugurações de agências bancárias e, ainda, lembram datas comemorativas.

Existe ainda um lado a ser considerado no plenário do Senado. Embora as lideranças do PDS usem menos a tribuna, para fazer unicamente a defesa do Governo, elas participam mais dos debates apartando as oposições. Isto está se verificando com mais intensidade nesta Legislatura, não ficando nenhuma crítica sem resposta imediata.

O cenário se altera apenas quanto aos personagens e temas. Mas o papel desempenhado pelos partidos oposicionistas e governistas é o mesmo. Uns atacam, o outro defende. Este quadro, na opinião do líder do PDS, Senador Aloysio

Chaves, é normal em qualquer Parlamento do mundo. Ele explica: "As oposições têm sobretudo um discurso político, que é simples de se fazer". E se queixa de que a atuação oposicionista se limita à crítica, não caminhando até a apresentação de alternativas.

O Líder do PMDB, Senador Humberto Lucena, não concorda, lembrando o documento "Esperança e Mudança", onde seu partido fez propostas "alternativas concretas", nos planos político-institucional, econômico e social. Ele também estranha a reclamação do Presidente Figueiredo, afirmando que o dever das oposições é acompanhar, passo a passo, o desempenho governamental, denunciando e criticando permanentemente os responsáveis pelo poder público.

TRÉGUA DOMINA

O Líder governista Aloysio Chaves acha normal as oposições ganharem mais destaques nos plenários, mas afirma que o seu partido vem ocupando muito a tribuna. Neste mês de março, isto foi uma realidade: 48 discursos do PDS contra 36 das oposições. Os mais assíduos foram os Senadores Almir Pinto (CE) e Lourival Batista (SE), que se enquadram entre os que preferem temas neutros. Nas oposições, os que mais discursaram foram exatamente os Líderes do PMDB e do PTB, Nelson Carneiro, que fazem opção por assuntos políticos e sociais.

O tema predominante no ataque-defesa foi a trégua política proposta pelo Presidente Figueiredo, em sua mensagem anual ao Congresso. Neste debate, os senadores da oposição reclamaram as eleições diretas para a Presidência da República, a reforma constitucional e do modelo econômico, além da extinção ou reformulação da Lei de Segurança Nacional.

A reforma tributária também foi um assunto de destaque, sendo reclamada tanto pelas oposições como por senadores do PDS. A liderança do PDS ocupou mais a tribuna para defender o processo de abertura política e pregar a necessidade de entendimento entre os partidos, na busca de soluções para os problemas econômicos.

O destaque das oposições nos plenários não é um fato atual. Isto sempre se verificou no Congresso. A "banda de música" da UDN, por exemplo, ficou famosa pelo espaço que ocupava na tribuna para criticar, com linguagem agressiva, o Governo Juscelino Kubitschek. No Governo Médici, o então MDB, que possuía uma bancada excessivamente minoritária (sete senadores), atuou de forma tão aguerrida que chegaram reclamações à "Voz do Brasil" de que estava "muito oposicionista". E que esta era a realidade: as oposições falavam mais.

RICARDO MENANDRO
E MÁRCIA BRANDÃO